

38º Encontro Anual da ANPOCS

SPG 20 – Sexualidade e Gênero: Espaço, Lugar e Relações de Poder

**LIDANDO COM A VIOLÊNCIA: A CONSTRUÇÃO E TRANSMISSÃO DE
REPERTÓRIOS DE SEGURANÇA ENTRE PROSTITUTAS.**

Vitor Lopes Costa

Introdução

Nesse trabalho discuto as múltiplas formas de violência a que as prostitutas estão sujeitas e os diferentes repertórios de técnicas que elas desenvolvem para lidar com isso. De um modo geral, uma prostituta é reconhecida pelas regiões da cidade em que exerce sua atividade, pelas roupas que veste, a maquiagem que utiliza e uma linguagem característica. A socialização das prostitutas em repertórios particulares de técnicas de defesa, ou repertórios de segurança é, entretanto, tão decisiva para o exercício da atividade e para a imagem que elas constroem a respeito de si próprias e dos outros quanto qualquer característica que usualmente tendemos a lhes atribuir.

A prostituição aparece em diversas obras como prática de alto risco, colocando diretamente e a todo instante em risco a vida e a integridade física daqueles que a exercem. Maria Dulce Gaspar (1985), por exemplo, ao estudar a prostituição de mulheres em Copacabana, observou a forte presença da violência na atividade prostitucional. Para ela, a violência é inerente à atividade, uma vez que pode ser compreendida como parte da própria natureza do programa, elemento fundamental da atividade. Para Gaspar, “não é raro que, para o cliente, o preço combinado forneça a sensação de que ele tem direito a tudo, o que pode incluir dispor da mulher de todas as maneiras, obrigando-a ao uso excessivo de drogas ou inflingindo-lhe maus-tratos”. (1985, p.36)

Com efeito, ao discutirem seu cotidiano, as prostitutas costumam sublinhar a *insegurança perene*, a perspectiva contínua da agressão pelo cliente ou outros homens, o *risco permanente da violência*, fatores tão presentes que acabaram totalmente integrados ao próprio exercício da atividade prostitucional (GASPAR, 1985, p.39). Essa situação é agravada se tivermos em mente o fato de que as prostitutas não tendem a formar grupos coesos. Muitos autores (por exemplo, FREITAS (1985), BARRETO (2008), ESPINHEIRA (1984), FABREGAS-MARTINEZ E BENEDETTI (2000), MORAES (1995), MATHIEU (2002), PRYEN (1999), entre outros), têm frisado que a prostituição se compõe de múltiplas subunidades, tendo umas com as outras relações na maior parte das vezes senão de hostilidade exacerbada, no mínimo de uma indiferença

marcante. Esta dimensão multifacetada da prostituição aparece-nos com mais força quando consideramos a multiplicidade de princípios de classificação que envolve prostituídos em geral: identidade sexual (mulheres, homens, travestis...), lugar de exercício (rua, bordel, zona...), tipos de práticas com clientes, relação com drogas, relação com o próprio status de prostituído, etc.

Uma vez que temos consciência da grande heterogeneidade que marca o espaço da prostituição feminina atualmente, pretendo mostrar como cada “subgrupo” (prostitutas de rua, de boate, de “zona”, por exemplo) dentro deste grande universo articula seus conhecimentos e competências contra as agressões considerando suas características próprias.

Posto de outra forma, o que quero dizer é que os repertórios de segurança desenvolvidos em cada subgrupo têm muito a dizer sobre a natureza deles: se há mais “solidariedade” nesse grupo ou se são mais “individualistas”, por exemplo. Creio que a análise de como operam esses conhecimentos e competências e como eles são transmitidos pode nos ajudar a compreender as múltiplas maneiras de “ser prostituta” nos dias de hoje. Podem também nos ajudar a entender o alcance e a presença da violência nestes espaços, e como seus agentes se relacionam entre si e com seus potenciais agressores ou protetores: gerentes, cafetões, clientes e policiais e, finalmente, como esses conhecimentos são transmitidos, de acordo com as características de cada espaço dentro do universo da prostituição.

Meu objetivo aqui é mostrar os resultados de uma etnografia dos diversos conhecimentos relacionados à segurança entre prostitutas de diversos segmentos em Belo Horizonte e discutir a relação desses conhecimentos de segurança com a maneira como cada espaço de prostituição é afetado por formas diferentes de violência.

Repertórios de Segurança e Características de Subgrupos de Prostitutas

Se, conforme havíamos dito, a violência é tão integrada à prática cotidiana, naturalmente as prostitutas dispõem de um conjunto de competências e conhecimentos precisamente destinados a se contrapor às eventualidades de

uma agressão, constituindo técnicas de proteção e defesa específicas que frequentemente são passadas a partir das mais “experientes” às mais “ingênuas” (MATHIEU, 2002, p.55). Desta maneira, a prática da prostituição requer a aprendizagem e o domínio de um *know-how* de segurança, a partir do qual podemos observar um mecanismo de construção da hierarquia interna e de socialização no espaço da prostituição.

O pouco domínio destas competências marca negativamente, ainda segundo Mathieu, aquelas que demonstram sua inexperiência, sua fraqueza ou ingenuidade, fatores que poderiam expô-las às agressões cotidianas. Por outro lado, a experiência e o conhecimento dos inúmeros mecanismos e práticas de segurança podem ser considerados como variável importante para a formação do *status* dentro deste grupo:

“Alguns incidentes representam o pano de fundo do trabalho dessas mulheres. Eles são descritos pelas mulheres não em tom de choque, mas numa perspectiva de aceitação – se você trabalha nisso, cedo ou tarde algo parecido acontecerá. Você pode fazer várias coisas para reduzir a possibilidade e a gravidade destes incidentes, mas você poderá agir até um determinado ponto. A inexorabilidade dessa violência é clara.” (MCKEGANEY e BARNARD, 1996, p.72)

Em uma obra consagrada a prostituição de rua, Stephanie Pryen (1999) dedica um capítulo à socialização profissional, processo que, segundo esta autora, está completamente ligado à aprendizagem e transmissão de repertórios de segurança. Para Pryen, é a aprendizagem desses repertórios que introduz a mulher no meio prostitucional e lhe dá identidade e reconhecimento diante de seus pares. Assim, a internalização desses repertórios é parte fundamental da construção da identidade de prostituta.

Esses saberes, apesar de (em geral) pouco formalizados e explícitos são, para a autora, a faceta mais visível da prostituição, além de constituírem a base para o estabelecimento profissional e identitário dessas mulheres dentro da atividade. São também consideradas pela autora como a principal fonte de hierarquização dentro deste universo, na medida em que estabelecem regras claras da “melhor e da pior maneira de se prostituir” (PRYEN, 1999, p.106).

Entretanto, Pryn destaca a dificuldade para identificar este conhecimento, uma vez que, em sua opinião, trata-se de um saber pouco explícito e legítimo, aos olhos da normalidade social. Há certo registro institucionalizado desse saber, mas esse registro não ocorre da mesma maneira como em outras profissões. Assim, em geral, os conhecimentos de segurança são aprendidos sub-repticiamente e durante o exercício da atividade, em situações pouco explícitas e formalizadas.

Nesse sentido, em comparação com outras atividades profissionais, a aprendizagem pelos pares da prostituição é existente, mas limitada, em alguns contextos. Falta à atividade prostitucional uma introdução completamente formalizada e institucionalizada às neófitas, que poderia ser exemplificada pelos diversos cursos técnicos ou treinamentos procurados por aqueles que querem iniciar-se numa nova atividade profissional. Há uma grande carga de conhecimento tácito que –embora também se faça presente em outras profissões – possui papel fundamental no conhecimento das prostitutas.

Entretanto, há que se chamar a atenção, ainda mais uma vez, para a forte heterogeneidade da prostituição. Ora, um meio tão diferenciado internamente também deverá permitir modos de aprendizado e transmissão bem diferentes. De acordo com o local de exercício da prostituição (rua, bordel, etc.) a socialização – e, portanto a internalização do conhecimento profissional e de segurança – varia radicalmente. Neste sentido, vale a pena uma citação um pouco mais longa de Pryn:

“Aliás, quando os tipos de organização da prostituição são diferentes, os requisitos da situação de trabalho não são os mesmos. Trabalhar na vitrine ou trabalhar na rua não é a mesma coisa. A formalização e a transmissão de saberes não se revestem das mesmas formas, uma vez que o meio no qual evoluem as pessoas [trabalhando em bordéis] é fechado e as colegas estão mais presentes, diferentemente da rua. Em seguida, porque algumas mulheres podem dispor do status de assalariado e ter um patrão e, então, dispor de um recurso jurídico no qual ganha sentido sua atividade mais ou menos reconhecida socialmente, no seio de uma estrutura mais ou menos hierarquizada.

Vemos a questão da aprendizagem; mas igualmente o papel da proximidade no trabalho das colegas e da organização mesma deste

trabalho se colocam de maneira radicalmente diferente.” (PRYEN, 1999, p.108)

Uma vez que esta autora e também nós consideramos que a aprendizagem destes conhecimentos (sobretudo de segurança) é parte fundamental do processo de *socialização* das prostitutas na atividade, devemos, ainda tomando emprestadas as ideias de Stephanie Pryen, detalhar quais são os agentes desta socialização e seus principais aspectos.

Em primeiro lugar, devemos considerar os dois principais grupos através dos quais as prostitutas socializam-se e entram em contato com a violência neste espaço: outras prostitutas e clientes. Mesmo havendo outros sujeitos importantes dentro deste universo (proxenetas, policiais, *dealers*, etc.), Pryen considera estes dois grupos como essenciais para este processo de aprendizagem/socialização.

Com seus pares, as mulheres podem aprender antes e durante o exercício da profissão. São elas que podem explicitar as regras, hierarquias, códigos e outros elementos essenciais – embora de difícil standardização e ordenamento – para a socialização deste novo sujeito. Os clientes também contribuem grandemente na tarefa de socialização das neófitas, na medida em que – conscientemente ou não – as submetem a situações que colocam à prova seus novos conhecimentos. Para Pryen, este aprendizado acontece, na maior parte das vezes, de modo negativo, através de experiências nas quais o cliente coloca a prostituta em situação de risco ou violência, obrigando-a a lançar mão de seus novos conhecimentos, adaptando-os à sua realidade e à sua personalidade.

Nesse processo, Pryen destaca dois aspectos que serão fundamentais para a formação do repertório de segurança das prostitutas: a construção da noção de respeito e a teatralização. Será sobre esses dois eixos que funcionará a construção de novos repertórios.

Para a autora, todo o processo de socialização profissional é calcado na aprendizagem de códigos, técnicas, saberes e linguagens centraliza-se na internalização e no manejo da noção de *respeito*: “É a noção de respeito que

permite perceber a distância a ser estabelecida. Ela pode ser o critério essencial do 'bom trabalho', organizando o 'estereótipo profissional'. Ela [a noção de respeito] constitui uma regra no molde de um contrato passado entre os parceiros." (PRYEN, 1999, p.135)

Uma das características principais da ideia de respeito é a capacidade de separação e organização, pela prostituta, da sua vida privada e de sua vida "pública/profissional". Para Pryn, este é o principal saber a ser aprendido no processo de socialização. A prostituta que não consegue administrar e separar suas duas "vidas" perde credibilidade e é excluída ou, no mínimo, discriminada entre seus pares: "Logo que o verdadeiro nome é dito, acontece uma abertura sobre este universo privado e um convite a penetrá-lo sem riscos. Aquelas que 'misturam tudo' são criticadas e denunciadas". (PRYEN, 1999, p.136)

Para que a separação das duas esferas de sua vida seja possível, as prostitutas organizam um sistema de teatralização, segundo Pryn. Esta teatralização na atividade realiza-se através de medidas para manter a "distância" adequada em relação ao cliente, considerando que essas medidas são aspectos do seu repertório de segurança e do conjunto de símbolos, saberes e técnicas essenciais para o exercício da atividade.

A distância a ser tomada em relação ao cliente realiza-se na medida em que pessoas diferentes (clientes e amigos, por exemplo) possuem acesso a "quantidades" diferentes de corpo e sentimentos da mulher. Desta forma as mulheres administram o quanto podem se "expor" dependendo de seu interlocutor. No caso dos clientes, como quase nunca possuem uma postura "ideal" (de respeito e distância recíproca) são necessárias ações práticas para estabelecer a distância entre cliente/prostituta e, dessa forma, reduzir os riscos.

Como ações práticas deste estabelecimento de distância entre cliente e prostituta, primeiro ponto prático dentro de um repertório de segurança, Pryn cita uma postura diplomática e corajosa. Desta maneira, as mulheres agem de forma a evitar o conflito em situações onde as coisas não acontecem do jeito ideal, mas não excluem definitivamente clientes problemáticos:

“Na calçada Françoise manda embora um cliente bêbado que nos aborda de maneira insistente e agressiva, adotando um comportamento maternal, segurando o homem sob efeito do álcool e, não recusando-o de maneira definitiva, mas mandando-o para um programa futuro: ‘Será melhor uma outra noite!’” (PRYEN, 1999, p.144)

Para caracterizar o repertório de segurança compartilhado por prostitutas, tomo emprestadas algumas ideias do estudo de Mathieu (2002), “*Quand la Peur Devient une Existence*”, realizado na França, entre prostitutas de diversos “subgrupos” (como boates e rua), o qual já citamos algumas vezes, e também do livro de McKeganey e Barnard, “*Sex Work on the Streets*” (1996), resultado de estudo feito na segunda metade da década de 1990 em Glasgow, Escócia. Ambos discutem competências e conhecimentos dedicados a reduzir riscos de agressão ou a reagir diante de situações violentas. Até onde sei, esses dois trabalhos, mais o o artigo de Melissa Farley (2005) e livro de Stephanie Pryen, “*Stigmaté et Métier*” (1999) constituem as obras mais importantes sobre o assunto, até agora.

Todos esses autores consideram essas estratégias de segurança como construtos coletivos, que nascem da experiência dessas mulheres. E é durante seu trabalho que elas desenvolvem e disseminam as muitas ideias a respeito da segurança do grupo. Dessa forma, esses autores também consideram que, de certa maneira, o repertório de redução de riscos de cada mulher é também um repertório de proteção coletivo, uma vez que, além de suas vidas e carreiras individuais, a segurança do grupo também está em jogo, a cada vez que algum episódio violento ocorre.

Mathieu (2002) faz uma exposição mais sistemática dos principais elementos de competência específica que permitem às mulheres deste espaço ou se esquivarem de situações perigosas, ou enfrentarem a violência a partir do momento que ela se torna inexorável. Para esta autora, participam do primeiro conjunto aquelas que ela qualifica como *estratégias de seleção*, destinadas a evitar situações arriscadas. No segundo grupo, temos uma série de *estratégias de dissuasão, evasão e proteção*, ativadas para se proteger ou fugir, quando o primeiro grupo de técnicas falha. Considero útil esta tipologia de Mathieu e a

tomarei emprestada para o detalhamento dos repertórios a serem estudados em nosso contexto.

O trabalho de seleção concerne os clientes, maioria entre potenciais agressores. Este trabalho opera por meio de critérios informais permitindo, na interação pessoal, *enquadrar* (MATHIEU, 2002, p.56) o cliente em tipologias como, por exemplo, “potencialmente perigoso” ou “seguro”. Ou através de *tipificações pré-formadas*, que são critérios que operam a partir de sedimentações de experiências anteriores vividas por essas mulheres (MATHIEU, 2002, p.56), que são mobilizados a fim de classificar clientes como aceitáveis ou como “rejeitáveis”.

Stephanie Pryen detalha uma série desses “enquadramentos” ou tipologias que “eliminam” clientes durante este contato. Para a autora, são ações ou características que fazem o cliente “ultrapassar os limites”, reduzindo a distância estabelecida e tornando-o um potencial agressor ou criador de problemas:

“Trinta mulheres elaboraram uma tabela de critérios de recusa de clientes: 1. Se ele está bêbado; 2. Se ele não quer usar o preservativo, qualquer que seja a prática; 3. Se ele é violento; 4. Se ele lembra alguém com o qual aconteceram problemas no passado; 5. Se ele não quer pagar adiantado; 6. Se ele é suspeito, *intuitivamente*¹, de ser violento; 7. Se ele insiste em propor práticas recusadas; 8. Se ele é suspeito de doença a partir de um exame físico” (PRYEN, 1999, p.145)

Diversas técnicas e critérios de avaliação são mobilizados para “testar” com antecedência os clientes em situações de testes informais permitindo-as formular julgamentos sobre sua suposta “periculosidade”. Fazer com que ele fale, observar suas atitudes, permitem estimar o risco envolvido e, se necessário, recusar o programa. Neste ponto, McKeganey e Barnard (1996) destacam que, apesar das hostilidades e concorrências exacerbadas presentes no exercício da prostituição, existem formas de *solidariedade* através de redes de informação sobre clientes entre prostitutas num determinado contexto: “Embora as mulheres geralmente trabalhem sozinhas [na rua], não é incomum ver duas ou mais mulheres ‘dando uma olhadinha’ umas nas outras. Isto pode

¹ Grifo no original.

ter a forma de anotações da placa do carro no qual a companheira entrou, ou uma mulher que vigia a rua onde o programa está sendo feito.” (MCKEGANEY e BARNARD, 1996, p.77)

E Mathieu ainda destaca, sobre esse ponto, que, em determinadas situações, as mulheres podem deixar de lado suas hostilidades e indiferenças para exercerem formas de ajuda mútua, sobretudo em situações de tensão mais explícita:

“Podemos constatar sobre este ponto que, em detrimento dos antagonismos ferozes e da concorrência exacerbada que reinam habitualmente nas calçadas, formas mínimas de solidariedade se exprimem entre prostitutas desde o momento em que a segurança e a vida de alguém estão em jogo.” (MATHIEU, 2002, p. 57)

Uma vez que estas estratégias anteriores ao contato com o cliente falham, e a violência parece iminente, a prostituta pode lançar mão de outros dispositivos – que Mathieu chama de *estratégias de dissuasão* – para reverter uma situação perigosa: afirmar, por exemplo, que se está acompanhada por alguém que possa representar um risco a atuação do agressor, como as colegas de trabalho ou namorados citados por McKeganey e Barnard; ou ainda procurar impressionar o potencial agressor através de uma atitude corajosa e determinada visando desencorajá-lo (PRYEN, 1999, p.144; MATHIEU, 2002, p.58)

De toda forma, nem todas as agressões podem ser previstas ou evitadas por todo esse conjunto de estratégias. Neste momento ainda é possível utilizar-se (ainda aproveitando a classificação de Mathieu) de *estratégias de evasão e proteção* destinadas a se defender ou evadir-se. A solução da fuga é, nestes contextos, mais plausível, e as prostitutas dedicam especial atenção a essas possibilidades. Um bom exemplo são aquelas que, fazendo programas dentro de automóveis, procuram verificar se a porta pode ser aberta internamente, e depois a deixam entreaberta, no caso de uma fuga rápida tornar-se necessária. Pelas mesmas razões, estes autores (PRYEN, 1999; MCKEGANEY e BARNARD, 1996) observaram que em alguns contextos, as prostitutas recusam-se terminantemente a retirar todas as roupas no curso de um programa.

Ficar o mais vestida possível reduz possibilidades de roubo e garante uma fuga sem grandes problemas. Também a necessidade de poder contrapor-se rapidamente a uma agressão faz com que prostitutas recusem certas posições sexuais tidas como “inseguras” em determinados contextos. Da mesma maneira, confrontadas permanentemente ao risco de agressões, as mulheres exercendo prostituição geralmente estão “armadas”. Aqui, obviamente, é necessário alargar a noção de “arma”: salto alto, tesourinhas, pequenos canivetes e, como citado por McKeganey e Barnard (1996, p.80), também sprays de pimenta e bombas lacrimogêneas.

Em face do que foi dito, nesse trabalho eu procuro mostrar como repertórios de segurança específicos são construídos e transmitidos. Conforme ficará claro, os repertórios de segurança são completamente distintos em cada espaço que observamos. Veremos as características da construção e da transmissão desses repertórios entre prostitutas que trabalham em hotéis na região da rua dos Guaicurus, entre prostitutas que trabalham em boates e entre prostitutas que atuam nas ruas da capital.

Resultados

Violência nos diferentes espaços de prostituição

Repertórios de seleção

Repertórios de dissuasão

Repertórios de proteção

Repertórios de Evasão

Transmissão de repertórios e socialização

Por estarem em espaços diferentes, mais ou menos seguros, e por compartilharem esses espaços com agentes diversos, é natural que as prostitutas de distintos espaços sofram o impacto da violência de maneira diferente e, se esses espaços são atingidos violentamente de diferentes formas por distintos agentes, é natural que as mulheres desses diversos ambientes criem repertórios de seguranças diferentes, como uma resposta à ação dessa violência em seu meio.

Para caracterizar esses repertórios, tomamos emprestadas as ideias de Mathieu (2002), que organiza esse conhecimento em quatro áreas: repertórios de seleção, dissuasão, proteção e evasão.

Com relação aos repertórios de seleção, podemos dizer que não há grandes diferenças entre os espaços. Um aspecto a ser destacado é a participação de terceiros (sobretudo funcionários) no trabalho de seleção de clientes nas boates e nos hotéis da região da rua dos Guaicurus. Ali, o primeiro trabalho de seleção é feito por porteiros e seguranças, que impedem a entrada no ambiente de homens que se enquadram em características potencialmente perigosas, tais como bêbados, doentes e drogados. Resta às mulheres selecionarem algum desses “indesejáveis” que porventura tenha passado pelo crivo dos funcionários do estabelecimento.

No caso das boates, muitas vezes alguns clientes indesejáveis são impostos às mulheres que ali trabalham, sobretudo por possuírem boas relações com os funcionários que trabalham nesses estabelecimentos. Esses casos se referem, sobretudo, a clientes alcoolizados, uma vez que os donos das boates ganham quantias consideráveis vendendo bebidas alcóolicas aos clientes que frequentam esses locais. Muitas vezes esses eventos geram conflitos, sobretudo porque muitos clientes, alcoolizados e incapazes de realizar um programa sexualmente satisfatório, demandam de volta seu dinheiro, que é muitas vezes devolvido pelos funcionários da casa e não reembolsado às mulheres.

As prostitutas que trabalham nas ruas naturalmente possuem um repertório de seleção muito mais desenvolvido que em outros espaços, uma vez que só podem contar com elas mesmas para selecionarem seus clientes. Entre as diversas táticas de seleção de clientes, podemos citar o horário de trabalho (clientes que fazem programas mais cedo são, em geral, mais “honestos”), a preferência por clientes já habituados à prostituição, a recusa a bêbados e drogados e a recusa à prática do *ménage*, uma vez que fazer programas com dois clientes, sem o apoio de agentes de segurança pode ser extremamente arriscado.

Em relação aos repertórios de dissuasão, há uma forte diferenciação entre os espaços. Na região da Guaicurus e nas boates, existe um aparato de segurança, composto de funcionários e equipamentos que dissuadem potenciais

agressores. Nas ruas as mulheres não podem contar com esse aparato, embora muitas vezes utilizem-se do aparato de segurança de motéis e *drive-ins*. Nas ruas as mulheres utilizam-se da ameaça de escândalo para dissuadir potenciais agressores. Na região da Rua dos Guaicurus, as mulheres se utilizam de seu ar *blasé* e de sua firmeza de opiniões (sobretudo no momento da negociação) para dissuadir os clientes que podem gerar situações de conflito.

Os repertórios de seleção e dissuasão funcionam geralmente *antes* do evento violento. Se esses repertórios falham e o evento violento é iminente, as mulheres podem lançar mão de repertórios de proteção ou de evasão.

Entre todos os conhecimentos desenvolvidos pelas prostitutas, onde há mais riqueza de detalhes e complexificação é entre os repertórios de proteção. Mesmo podendo contar com o auxílio de outros homens, sobretudo funcionários dos estabelecimentos onde trabalham, as prostitutas que trabalham nas boates e nos hotéis da região da Rua dos Guaicurus também desenvolveram vários conhecimentos relacionados aos repertórios de proteção.

Nos hotéis da Rua dos Guaicurus, as mulheres podem chamar os seguranças, mas também podem trocar informações sobre clientes problemáticos, evitam posições sexuais arriscadas, evitam programas com dois clientes (sobretudo se forem desconhecidos) e vigiam-se, sobretudo observando os indícios de agressões (em geral sonoros) nos quartos das suas vizinhas.

Nas boates, apesar de também contarem com o apoio de terceiros, as mulheres também possuem considerável repertório de proteção. Entre suas táticas, podemos citar a atenção dada às roupas de trabalho (para evitar fornecer, com elas, armas para clientes violentos), a recusa a determinadas posições sexuais, os gritos para alertar colegas e funcionários em caso de agressão e o porte de pequenas facas para defender-se de clientes e, sobretudo, de colegas violentas.

Nas ruas, espaço mais precário e violento, naturalmente a quantidade de conhecimentos relacionados à proteção é expressiva. Entre essas táticas, podemos citar o trabalho em duplas, o recebimento do pagamento adiantado, o fato de as prostitutas não portarem seu dinheiro durante os programas, a observação do comportamento do cliente durante o programa, a atenção às roupas de trabalho, pelos motivos já citados acima, a recusa a algumas

posições sexuais e o porte de armas não convencionais, sobretudo sprays de pimenta.

Se os repertórios de seleção e dissuasão falham e se a mulher não quiser (ou não puder) contrapor-se às agressões dos diversos atores violentos de seu ambiente (através dos repertórios de proteção), resta a ela a opção da fuga. Repertórios relacionados à evasão não foram encontrados entre as prostitutas de boates e da região da Rua dos Guaicurus, uma vez que ali elas trabalham em ambientes fechados e mais ou menos seguros, o que impossibilita sua fuga. Entre as prostitutas que trabalham nas ruas, há um conhecimento mais ou menos desenvolvido em relação às possibilidades de fuga, tais como observar o sistema de trancamento e abertura dos automóveis nos quais fazem programas e evitar retirar toda a roupa durante esses programas.

A transmissão de conhecimentos de segurança também acontece de maneira diferente entre os espaços de prostituição.

Nos hotéis da Guaicurus, como dissemos, a transmissão é facilitada pelo clima pacífico e de camaradagem entre as mulheres. Além disso, nesse espaço a Associação das Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG) possui importante penetração e representatividade, facilitando a transmissão de conhecimentos de segurança, através de divulgação institucional, cursos, encontros, etc.

Nas boates, a transmissão, assim como a colaboração entre as mulheres, é tremendamente prejudicada pelas animosidades presentes entre as mulheres desse meio. De certa forma, a transmissão plena de repertórios não funciona, fazendo com que esses conhecimentos se expandam de uma maneira lenta e incompleta, quando se expandem.

Nas ruas, onde os repertórios antiviolação são mais demandados, a transmissão desses conhecimentos também é prejudicada pela indiferença ou pela hostilidade que reina entre essas mulheres. Quando são transmitidos, esses repertórios não o são de maneira plena, geralmente ficando restritos a pequenos grupos de prostitutas mais “amigas”, que evitam que suas táticas se difundam por todo o meio.

Esses diferentes espaços, ao apresentarem formas diferentes de transmissão do conhecimento de segurança, também socializam de maneiras diferentes suas novatas, uma vez que essa socialização tem como base as

noções de respeito, teatralização e distanciamento (Pryen, 1999), noções essas construídas sobre um domínio de repertórios de segurança.

Nos hotéis da Guaicurus a socialização das neófitas é realizada num ambiente menos hostil, onde a colaboração entre mulheres é regra, e não exceção. Dessa forma, a aprendizagem de repertórios e a inserção dessas mulheres no meio prostitucional é menos traumática, embora não esteja isenta da percalços.

Nas boates, assim como nas ruas, a socialização é mais complicada, uma vez que as prostitutas mais experientes não veem com bons olhos as novatas que chegam. Em geral as veteranas consideram-nas como concorrentes que, rapidamente (se forem bem socializadas), podem colocar seu domínio em xeque. Portanto, geralmente, as mais experientes se negam a transmitir seus conhecimentos às mais novas ou os transmitem de maneira parcial, evitando “abrir o jogo” com essas novas mulheres, de modo que, em caso de disputa ou de perigo, possam ainda ter alguma vantagem sobre as novatas.

Dessa forma, podemos afirmar, como dissemos na Introdução, que os repertórios de segurança podem nos ajudar muito a compreender as características de cada espaço prostitucional e, dessa forma, podem desnudar conflitos e idiosincrasias que mostram o quão heterogêneo esse universo pode ser.

Anexo I: Tabela Comparativa Sobre as Diversas Características dos Espaços de Prostituição

Características	Guaicurus	Boates	Ruas
Intensidade da Violência	Baixa	Média	Alta
Principal Agente Violento	Clientes	Colegas	Clientes
Repertórios de Segurança (complexidade)	Baixa	Baixa	Alta
Repertórios de Seleção	Pouco desenvolvidos (terceirizados)	Desenvolvidos (mas clientes indesejáveis podem ser impostos)	Muito desenvolvido
Repertórios de Dissuasão	Desenvolvidos	Pouco desenvolvidos (não são necessários)	Pouco desenvolvidos
Repertórios de Proteção	Pouco desenvolvidos (terceirizados)	Pouco desenvolvidos (terceirizados)	Muito desenvolvidos
Repertórios de Evasão	Não há	Não há	Desenvolvidos
Complexidade dos Processos de Negociação	(Baixa) Negociação Programa	(Alta) Bebida Sedução/Show Programa	(Alta) Escolha Negociação Programa
Complexidade dos Programas	Programas pouco complexos (há alguns complexos, minoria)	Programas mais complexos (banalização do <i>ménage</i> , e de fantasias sexuais)	Existem programas mais complexos, com mulheres especializadas nisso, mas não são maioria.
Colaboração na Construção e Funcionamento de Repertórios de Segurança	Alta	Baixa	Alta
Transmissão de Repertórios	Facilitada	Dificultada	Dificultada
Socialização de Neófitas	Facilitada	Dificultada	Dificultada

Anexo II: Detalhamento dos Eventos Violentos em Cada Espaço de Prostituição

Guaicurus	Boates	Rua
<p><u>Agressão Física</u> Impetrada por clientes.</p> <p><u>Calote</u></p> <p><u>Desrespeito aos combinados do programa</u> (preservativo e tempo)</p>	<p><u>Calote</u> (sobretudo realizado através de cheques sem fundos passados por clientes. Os donos das boates não arcam com esse prejuízo);</p> <p><u>Agressão física:</u> Impetrada por (em ordem de importância):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Colegas; • Funcionários; • Clientes. 	<p><u>Agressão</u> Impetrada por (em ordem de importância)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Clientes; • Colegas; • Traficantes; • Noias; • “boyzinhos” <p><u>Calote</u></p> <p><u>Roubo</u> Impetrado por (em ordem de importância)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Clientes; • Colegas; • Pequenos traficantes

Anexo III: Detalhamento de Repertórios em Cada Espaço de Prostituição

	Guaicurus	Boates	Ruas
Repertórios de Seleção	(terceirizados a porteiros e seguranças) Tipos recusados: * Jovens; * Bêbados; * Sujos; * Drogados; * "Estranhos" (mal encarados)	(terceirizados a porteiros e seguranças) São recusados: * Homens com precária higiene pessoal; * Homens que aparentam estarem doentes. (mas clientes indesejáveis podem ser impostos)	* Trabalhar mais cedo; * Preferir clientes <i>habitués</i> ; * Recusar bêbados e drogados; * Recusar <i>ménage</i> ; * "Intuição"
Repertórios de Dissuasão	* Postura corajosa/blefe * Conversam com o cliente (firmemente, sem margem para negociações) * Ar blasé * Ameaçar chamar gerentes/seguranças	Terceirizada, através de funcionários da boate e aparato de segurança.	* Ameaça de escândalo.
Repertórios de Proteção	* Chamar gerentes/seguranças * Evitar posições sexuais arriscadas, ou ficar atentas à elas * Mulheres vigiam-se * Recusar programas com dois clientes (exceto conhecidos) * Troca de informações	* Gritar (para chamar funcionários); * Atenção às roupas usadas no trabalho; * Atenção à determinadas posições sexuais; * Armas (sobretudo facas, para se defender de colegas).	* Trabalhar em duplas; * Receber pagamento adiantado; * Não carregar dinheiro consigo; * Observar comportamento do cliente durante o ato sexual; * Utilizar-se da segurança de motéis e <i>drive-ins</i> . * Atenção às roupas utilizadas; * Evitar, se possível, posições sexuais arriscadas; * Armas (não convencionais)
Repertórios de Evasão	Não há.	Não há.	* Evitar retirar toda a roupa; * Ver sistema de abertura do carro.

Anexo IV: Processos de Colaboração, Transmissão e Socialização entre os Espaços de Prostituição

	Guaicurus	Boates	Ruas
Colaboração na Construção e Funcionamento de Repertórios de Segurança	<p><u>Alta</u></p> <p>*Mulheres mantém um clima ameno; *Mulheres vigiam-se *Mulheres agredem agressores</p>	<p><u>Baixa</u></p> <p>*Existe um forte clima de animosidade; *Mulheres procuram realizar seu trabalho o mais individualmente possível.</p>	<p><u>Alta</u></p> <p>*Trabalho em duplas; *uma cuida do dinheiro da outra; *Prostitutas vigiam colegas que fazem programas em carros.</p>
Transmissão de Repertórios	<p><u>Facilitada</u></p> <p>*Repertórios são abertamente transmitidos, entre experientes e para as neófitas. *APROSMIG auxilia na difusão de repertórios de segurança.</p>	<p><u>Dificultada</u></p> <p>*Prostitutas encaram-se sempre como concorrentes; *Repertórios devem ser deixados em segredo.</p>	<p><u>Dificultada</u></p> <p>*Prostitutas encaram-se às vezes como concorrentes; *Repertórios devem ser deixados em segredo.</p>
Socialização de Neófitas	<p><u>Facilitada</u></p> <p>*Novatas são bem acolhidas e não são vistas como concorrentes; *Grande parte de seu aprendizado realiza-se através de experiências positivas.</p>	<p><u>Dificultada</u></p> <p>*Novatas são acolhidas com indiferença ou hostilidade; *Não há interesse em ensiná-las; *Grande parte de seu aprendizado realiza-se através de experiências negativas.</p>	<p><u>Dificultada</u></p> <p>*Novatas são acolhidas com indiferença ou hostilidade; *Não há interesse em ensiná-las; *Grande parte de seu aprendizado realiza-se através de experiências negativas.</p>

Referências Bibliográficas

- BARRETO, L.C.: *Prostituição, Gênero e Sexualidade : Hierarquias Sociais e Enfrentamentos no Contexto de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado, Psicologia, UFMG, 2008)
- BECKER, Howard S.: *Outsiders: estudo de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- FABREGAS – MARTINEZ, A.I. e BENEDETTI, M.R. (Org.): *Na Batalha: Identidade, Sexualidade e Poder no Universo da Prostituição*. Porto Alegre, Ed. Dacasa, 2000.
- FARLEY, M.: *Prostitution harms women even if indoors*. In: *Violence Against Woman*, Vol. 11, no.7, July 2005.
- FREITAS, R. S.: *Bordel, Bordéis: Negociando Identidades*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- GASPAR, M.D.: *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- MATHIEU, L. : *Quand « la peur devient une existence » : sur la place de la violence dans le monde de la prostitution*. *L'Homme et la Société*, no. 143-144, janeiro-junho de 2002.
- MATHIEU, L. *L'Espace de la Prostitution, Elements Empiriques et Perspectives en Sociologie de la Deviance*. *Sociétés Contemporaines*, no. 38, 2000
- MCKEGANEY, N. e BARNARD, M.: *Sex Work on the Streets: Prostitutes and their clients*. Buckingham, Open University Press, 1996.
- PERLONGHER, N.: *O negócio do Michê: A Prostituição Viril*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- PRYEN, S.: *Stigmaté et Métier. Une Approche Sociologique de la Prostitution de Rue*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 1999
- SIMMEL, G.: *Philosophy of money*. Translate David Frisby and Tom Bottomore. New York: Routledge, 1990.
- TEIXEIRA, M.R.: *Prostituição e Polícia: Um Estudo de Caso*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Brasília. 2003.